

ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 39 do 4.º Ano—N.º 189

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 9 de Julho de 1914

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesse

O milagre!...

¿Lembram-se os leitores da berrata cheia de ditos agudos e facécias com que foi acolhida, em Janeiro deste ano, a boa, a patriótica, a resgatante nova de que o orçamento do Estado ia, pela primeira vez em longos anos, ser encerrado com saldo?

Se lembra!... Por que essa operação de sábia e honesta administração pública era devida ao talento do sr. dr. Afonso Costa, clamou-se, bramou-se para aí em comícios e gasetas, que era mentira..., que não podia ser..., que não passava o caso dum «golpe» eleitoral..., etc.

E todos alvaramente riam e repetiam:—*Olha o homem do «superavit»! O partido do «superavit»!*...

Opiniões insuspeitas e autorizadas, como a do sr. Tomé de Barros Queiroz, contabilista notável e filiado no unionismo, corroboraram em conferências públicas, realizadas uma no Porto e outra em Braga, que na verdade o equilíbrio da receita e despeza do orçamento, era um facto, autorgando senão exclusivamente ao sr. dr. Afonso Costa a glória desse grande triunfo, ao menos à República, pois, acrescentava, todos os ministros das finanças dentro do regimen haviam mais ou menos contribuido para tam feliz como lisongeiro desideratum.

Não obstante isso, a campanha proseguir, improvisando-se até alguns financeiros para alimentar, dia a dia, com novos algarismos contundentes, a má vontade contra o Partido que, sem licença de evolucionistas e monárquicos, tal nova ousou anunciar ao país.

O tempo porém foi rolando soberano e imperturbavel sobre o cachoar da tormenta oposicionista; té que, há dias, quando já o eco dessa berrata de todo se havia desfeito, eis que um outro ministro, o actual das finanças, vem repetir, confirmar, não já que o equilibrio orçamental se fês, não já que um saldo existe, mas mais ainda:—*que esse saldo é maior do que aquele que foi previsto e anunciado pelo seu*

ex colega na mesma pasta, o sr. dr. Afonso Costa, em 14 de Janeiro do corrente ano!

¿E o que fazem as oposições do «superavit», toda aquela sistemática opposição que num deboche de críticas e chalaças ria e descria do «superavit»—só porque êle fôra preanunciado pelo sr. dr. Afonso Costa?

¿Sim, agora é um ministro reconhecidamente extrapartidário quem vem confirmar esse saldo no orçamento do Estado para o novo ano económico, e, o que é mais, aumentado, o que prova não ter havido excesso de optimismo!

Não esperemos, porém, que evolucionistas e monarquistas—os inimigos aliados do «superavit»—venham sentenciar-se em público, dizendo que foram injustos e cruéis com o estadista, com o financeiro, com o politico que cometeu a acção patriótica de fazer ao 3.º ano de República, o que nunca se conseguiu em tantíssimos anos de constitucionalismo monárquico. Eles não teem a nobreza de confessar honestamente que foram injustos e cruéis.

Quando muito, os evolucionistas, *porque são republicanos*, limitar-se hão por dissimulada coerência, a não crêr nem a descrêr, enquanto os monarquistas, *porque são inimigos do regimen*, reduzir-se-hão a glosar um ou outro comentário de pretensão descrédito, visto que o seu papel, ou melhor, o seu officio, é dizer mal, é fazer mal, no seu furor insensato e louco de quererem a volta do passado;—com jesuitas, fomento nacional abandonado, 6,000 contos de «deficit» em cada ano, etc., etc.

ALFREDO GUIMARÃES

Este nosso dedicado conterrâneo está trabalhando as últimas páginas dum novo livro, que será mais uma prova do seu talento.

Esperamos com interesse essas folhas da sua trabalhada prosa, pois estamos certos que elas nos darão mais um motivo para ardentemente o felicitar.

ECOS

O disco

Teem muita graça os comentaristas acirrados do regimen. Na ância de emporcalharem a República e os seus homens, como a si próprios e à Monarquia se emporcalharam, é vê los com que desmiolamento êles repetem: «binubas», «Covilhã», «ópio», «S. Tomé», «Ambaca», «Rodam»... e outros narizes de cera, desde a manhã á noite e da primeira página á última, sem discutir, sem analisar,—não diremos sempre, mas ao menos uma vez por outra, para nos convencerem que conhecem tais assuntos!

¿Sim, porque, doutra maneira fica-nos o direito de dizer que o «Echos...» não é um jornal—mas um fonógrafo!

Negação

Lêmos algures que o primeiro parlamento republicano não manifestou «nem escrupulo, nem dignidade, nem saber, nem patriotismo». Com umas indispensaveis restrições iamós a concordar, quando olhando o cabeçalho vimos que quem dizia isto era o «Echos...»

—E comentamos de nós para nós: ¿Mas não diria o «Echos...» a mesma coisa se o primeiro parlamento da República tivesse revelado precisamente o contrario?

Liais amigos (!)

O incidente havido com João Franco, que foi há dias, por momentos, detido em Penamacôr á ordem dum capitão da guarda republicana, não em obediência a qualquer antipatia ou capricho para com o ex-ditador, mas em cumprimento do que este official julgou ser um dever: este incidente, diziamos, que nada vale, porque nada significa, foi todavia pretextado para que aqui o «Echos...» logo desembainhasse a sua espada das justas indignações, (sic) correndo em defeza de

«s. ex.ª o sr. Conselheiro João Franco, eminente e illustre homem público, antigo presidente do conselho e deputado por este circulo.»!

Tanto... *palavreado de calculadas e épócritas atenções, até parece uma confissão de contrição e arrependimento por em tempo do progressismo e mais do bloco lhe haverem chamado... jaquilo que Mafona, com certeza, não disse do toucinho!*

—Oh, a vergonha!

A farça

A propósito do atentado de que foi vítima o arquiduque da Austria e sua esposa, diz um jornal:

«Embora os estados, pela voz dos seus representantes, repudiem o atentado,

e o verberem com as indignações máximas do protocolo, os povos que esses estados representam, com a morte do arquiduque herdeiro, devem sentir-se aliviados dum enorme pezado.

E a este lógico, exacto e sincero comentário que o «Echos...» chama fazer a apologia do regicídio,—como se houvesse sido diferente o comentário dos monárquicos, (excepção dos franquistas) bordado a propósito da morte do rei Carlos!

Então, num grande e intimo alívio, acharam lógico—embora depois acorressem, de ar pungido, ás solenes exéquias...

Olha, os puzitanos!

Respigo do «Echos...»:

«No tempo da ominosa esta gente achava imoral discutir-se o orçamento á pressa; hoje tudo está bem, porque os tempos são outros...»

Efectivamente os tempos são outros; e é por isso que nós, republicanos, continuamos dizendo que, não obstante viver-se em regimen de moralidade, *nam tudo está bem, nam tudo vai bem...*

¿Que quer isto significar? Que a Monarquia previerteu por demais os costumes politicos, para que hoje, os homens honestos, hajam dela saúdaes.

Na França

Dos jornais extratamos:

«O conselho de ministros decidiu suprimir quinze congregações que não correspondem a nenhum fim de utilidade pública e fechar os últimos 127 estabelecimentos congreganistas de ensino.»

Mas a lei portuguesa não se suporta. É uma lei de violência e de opressão tirânica. ¿Se ao menos fosse como a francesa, como a brasileira? ¿Se ao menos fosse... conforme os desejos de Roma?

Juíso!

O evolucionismo descontente com o sr. Bernardino Machado, por causa das eleições, promoveu em Lisboa um reunião de protesto, onde falaram elementos dos grupos avançados no sindicalismo.

Quer dizer: O evolucionismo... evoluciona para a polvora o aguarraz.

«Péu! Péu!»

Passava a procissão dos católicos em S. Torquato e um forasteiro, na ala dos curiosos, conservava o seu tempo na caixa das ideias. Ora como este demorasse em satisfazer a advertência que em grita lhe faziam, um católico, rigorosamente praticante,

lançou-lho a terra... e a procissão passou.

Está visto que a rua não é exclusiva de nenhuma ideia, e os chapéus são... para quem os usa. Mas muda o caso de figura, ainda assim, se aqueles que os teem na cabeça se não postar, ao passar duma procissão, na primeira fila dos curiosos.

¿Que lixo é esse de pretensos livres pensadores que não sabem ensinar os católicos, oferecendo-lhes exemplos de extrema e bem compreendida tolerância?

Cedendo

O hábito faz costumes—diz um conceito popular.

Nós acreditamos neste conceito: e quem dêle haja dúvidas, ponha neste facto os seus olhos.

—Em S. Torquato, fazendo serviço na procissão, iam soldados de cavalaria embarrotados.

Dantes, seria o caso considerado mais que descortezia: era um atentado herético, justicido á paulada dos aldeãos devotos, com os demais prejuizos aderentes á fé, á ordem, á caserna.

Hoje... foi o que se viu em S. Torquato: ¿Ninguém encontrou sequer motivo para reparo—embora entre um kepi na cabeça dum tropa e o chapéu na dita dum cidadão, tudo seja estar coberto diante do divino!

Só se é diferente a logica... dum chapeleiro.

O JOGO

Razoavel e legalmente deve procurar-se desarraigat do animo do povo a paixão desregrada do jogo, em que o ganho ou a perda depende exclusivamente da sorte, principiando-se pela abolição das lotarias, jogo público tam funesto como o particular, com o qual ganha sempre o governo e perde o povo.

O jogo é o mais nocivo das ocupações.

O jogador, preso á banca do jogo, com prejuizo da saúde, nem tempo tem de satisfazer as suas necessidades naturais, absorvido por êle esquece-se até dos seus deveres sociais e domésticos.

O jogo é o mais improficuo dos trabalhos. (?!)

O jogador, não empregando o seu tempo em trabalho util e proveitoso, nada produz em beneficio proprio, da familia e do estado, em nada aumenta a fazenda pública e particular.

Incontestavelmente o jogo faz a desgraça das familias e o menos que se perde nele é o dinheiro; e não pode deixar de ser assim.

Pelo jogo contraídos são todos os vícios; pelo jogo as distrações rápida e sucessivamente se transformam em vícios, dos vícios em crimes, de crime em atentados.

O jogo é o culto de uma divindade impia, que primeiro perde dinheiro, depois bens, depois a honra, depois a familia, depois a vida, e finalmente, a alma; é um fantasma que conduz sua vítima crédula e confiada por entre ca-

UM INCIDENTE

III

minhos bordados de fiões para despenha-la em medonho precipício ao som da estrondosa gargalhada.

O jogo é o círculo vicioso da esperança, o infinito da cubiça, o ídolo do bezerro fundido com o dote das filhas, com a joia das esposas; é o despotismo horrível do acaso.

O jogador perde a primeira parada, perde a segunda, espera a terceira; perde a terceira, espera a quarta e esperará a quinta, se a quinta houver; e só desaparece a esperança quando finda o jogo.

E porque joga o jogador? Será porque, como o avarento, tenha amor ao dinheiro? Ninguém é mais pródigo do que o jogador; fóra da banca, onde o dinheiro é para ele uma divindade, ninguém o despreza mais.

O jogador joga pelo prazer de jogar, como o caçador pelo prazer de caçar.

São as comoções pungentes e desordenadas—o receio, o ódio, a esperança da sorte—que deliciam o jogador.

Banca de jogo! Mercado horrível Sorvedouro imenso dos patrimónios das famílias, dos capitais das indústrias, de todas as riquezas do corpo e do espirito! A carta, se como a alavanca de Arquimedes levanta em um momento fortunas colossais, no mesmo instante também as destrói.

Que sensações, que anciedades, que sustos, que sobresaltos não se sentem á roda daquela pequena mesa! Jogam ali as fortunas de mão em mão; jogam as tristezas e alegrias de semblante em semblante; jogam as iras de coração em coração; jogam os sarcasmos pungentes de boca em boca; joga a sorte; joga o acaso; joga o demónio.

Ali não ha razão, nem direito, justiça nem injustiça: as sentenças da sorte não teem apelação. Não há no mundo praça de comércio com maior movimento, nem teatro com scenas mais variadas do que uma banca de jogo; o que aí mais se perde é o tempo, é a honra, e a dignidade, é o socêgo do espirito, é a saúde, é a paz doméstica que é tudo na vida.

O jogador vive sómente enquanto joga. Para ele só há uma idea, um sentimento, um amor, uma paixão—o jogo. O! Como a sua respiração se suspende, como a sua lingua se imudece, como ele se aniquila ao desponstar dêsse numero ou carta que o deve fazer feliz por instantes, ou desgraçado por toda a vida! Ide dizer-lhe que sua casa está arder; que sua filha idolatrada, ou sua esposa carinhosa está a morrer: nem sequer vos ouvirá. E não há que admirar: os espectros não ouvem.

As raras alegrias do ganhó não compensam as angústias e terrores da perda. O dinheiro baixa de valor quando se ganha e sobe quando se perde: o dinheiro que se ganha esquece-se, o que se perde é mil vezes chotado.

O jogador que ganha não é feliz, o que perde é um desgraçado; o ganhó não tem história, nem arte, a perda tem os factos e sua critica. O jogador que perde examina se jogou bem ou mal, critica as suas paradas, tira conclusões idifcantes.

O sôno do jogador infeliz, é atroz. Em sonho vê fantasmas e visões: vê a sota, sua carta favorita, que lhe fez perder vinte paradas; vê o agiota que vem exigir o pagamento de uma divida; vê o criado que vem pedir dinheiro para as despesas do dia; ouve a mulher censurando-lhe o procedimento; ouve os filhos chorando de fome; tudo persegue o desgraçado. O despertar dêsse sôno é ainda peor; é a realidade triste pelos seus negros e tenebrosos quadros. Oxalá pudêsse ele nunca acordar!

Do «Mundo Moral».

Aposto o que quizerem se houver em parte alguma pedaço de natureza mais encantador, mais cheio de frescura e de graça. Para mim é ponto de fé que mão misteriosa e artistica planta as giestas e os choupos, pendura as trepadeiras e entrança no ar a ponta dos ramos das árvores que fazem docel ao rio. Se assim não é, expliquem-me porque esta madre silva nasceu ao pé daquela azinheira, correu um pouquinho a sul, trepou a este penêdo musgoso e se deixou cair graciosa como uma grivalda. Digam-me a razão que levou aquela luxuriosa mosquiteira, dum verde escuro estrelado de pequeninas rosas, a vir plantar-se ali a fazer gracioso fundo a um tufo risonho de lilizes. Ora! são coisas inexplicáveis e profundas e argumentos convincentes para mim de que, no meio destas verduras, vive uma boa fada que artisticamente recurva acolá o tronco dum olmeiro e planta mais adiante uma papoila branca. Não há, não há, aposto o que quizerem, pedaço de natureza mais artistico, mais fresco, mais encantador.

Foi por aqui que encontrei, numa manhã, um inglês torista, de boca aberta, pasmado de haver achado sôbre a terra uma das mais belas descrições do seu *Paradisi lost*.

O rio, um pequeno rio, duma água cristalina e anilada, passa de mansinho por sob a ramada das árvores, deixando ver o fundo de areia branca com reflexos de prata.

Oh! ja pitoresca viagem que se faz no barco que o corta diariamente!

No meio sôbre uma ilhota, encontra-se uma velha azenha coberta de trepadeiras e musgos. Quando o barco passa, um postigo abre-se lá em cima, e aparece a cara risonha do moleiro:

—Bons dias, rapazes. Que há de novo?

O barqueiro é a gasetta de todas as povoações, casais e quintas que molham os pés na água. Conta-se então do barco para o postigo, ou do barco para a margem, as locais mais palpitantes e os casos de sensação: uma cachopa que casou;—lá vai, que Deus a ajude: um boi que morreu;—coitado! acabou-se-lhe o fadário: um plantio de bacelo;—é bom, quem semeia colhe. Faz-se severa critica aos costumes, lamentam-se os tempos velhos e zurzem-se, em artigo de fundo, a politica do regedor e as desinteligenças das confrarias. Uma voz de mulher chama de dentro:—O' homem, ficas-te aí?

E' a moleira.

—Adeus, rapazes.

A palavra acaba, a vara enterra-se na areia e a viagem continua.

Por entre a aberta das árvores veem-se campos cultivados; as devesas cheias de silencio; as árvores todas floridas; e lá ao longe, na sua meia tinta azulada, a montanha deitada magestosamente. Nisto, pendurada na margem, surge uma casa de colmo; mais adiante um mirante de Julieta sôbre o rio; perto da água, duas vacas que andam pascendo mansamente e que ficam a olhar com os seus olhos bondosos, ou um bando de patos que brincam numa pequena enseada, à sombra dum carvalho de cem ou duzentos anos. Pouco acima eis outra ilhota onde se ergue um grande olmo, sob o qual se abriga uma pitoresca azenha em derrocada. E' um drama tudo aquilo. A solidão do sitio; a janelita fechada; as paredes em ruina; a pontesita quebrada... Faz pena, faz saudade, muita saudade... e eis o barqueiro que vos conta comovido a história do tio Joaquim que en-

sandeceu, porque a Rosita, uma vez, catrapúz... acolá de cima da ponte.

Vós já o sabeis.

Adiante.

O sol, atravez da folhagem, repassa-se duma côr terna e põe na paisagem claros escuros, meias tintas de efeito delicioso. A's vezes há bocadinhos de sombra apetitosa, que nos dizem de lá:—Então, vinde até aqui.

Nada, não pode ser. O barco do tio António tem a exactidão dum paquete. Quem sai de casa ás seis horas, sabe que, ás setes, pode ouvir missa em Santa Inês. E eis porque este barco é o mais estimado dos três que fazem a viagem entre uma graciosa aldeia que fica lá em baixo na vertente duma colina, e uma aldeia graciosa, sentada à beira do rio, entre laranjais e oliveiras.

Ei-lo. Falai no mau... Ele lá vem ao fundo, acolá, na curva do rio. Veem-se os lenços de côres das raparigas brilhar pelos intervalos dos choupos. O tio António enterra a vara na areia e o barco abre mansamente a superficie lisa da água.

Hein! Como vem galgando!

E sem dúvida o barco mais alegre cá do sitio. Quasi sempre enbandeirado,—para isso ao tio António basta um pequeno pretexto. E limpo! nem a melhor sala fidalga.

A viagem é sempre divertida. A gente canta, conversa, ri muito, conta histórias, e, por vezes, faz-se nele uma festa:

Caninha verde,

Verde cana de encanar...

E logo a requinta ou a banza, que aparece por obra mágica, acompanha a voz fresca da rapariga que canta a desgarrada.

—Eh! moças.

E aí vai a festada, rio acima, numa alegria de almas singelas e de bons corações.

—Mas que tem o tio Zé da Azenha que vai para aí como um mono? observa uma das raparigas.

—E sim, que tem? repetem as outras;—jê que, com os seus setenta e dois bem puchados, é mais falador e alegre que muitos moços de vinte!

—O que tem tio Zé da Azenha?

—Aí! raparigas, esta manhã, quando vinha tomar o barco, encontrei no caminho da Azinhaga a pobre Maria do Casal...

Nêste conto faz-se no barco silencio e todos se inclinam mais para ouvir.

—Pobre Maria do casal! dizem para si as raparigas.—Que mal faria esta desgraçada ao Senhor para que tam cruelmente a castigasse? O homem entrevado; a penhora; os boisinhos mortos; cinco filhos pequenos sempre a chorarem de fome... O' Deus do ceu! Je lembrar-se a gente que ainda há pouco eram pessoas abastadas e sempre caridosas e prontas a ajudar e a servir os outros! Há dois anos ainda, e todos os que vão se lembram bem, a Maria do Casal, cheia de oiro, arrecadas, corações, lá ia com a canalha endomingada e o marido, todo tezo, à romatia.

—Pôbre mulher! exclamam elas.

—Mas que faria ao Senhor para que assim a castigasse?!

O abade da freguezia, que vai no barco também, acode em auxilio de Nosso Senhor.

Sente-se triste, ele, que conhece de cobra as virtudes desta boa gente, a sua religião, a sua alma; e no seu intimo, também pergunta ao ceu o que lhe tinha feito esta familia.

—Acredita-me, filhos; Deus nunca abandona as suas criaturas—diz êle.

—Muito bem, minha senhora, há apenas o mudar de tom—chicotada delicada, que num instante me modificou, escreve a profes-

sora.

Continua.

A DISCIPLINA ESCOLAR

Desidério Erasmo, o filólogo holandez, delicioso colloquista, o poeta adoravel de Rotterdam, há perto de 4 séculos e meio gritava:

—O castigo corporal converte uma natureza fraca, numa natureza apagada, um espirito irritável e baixo, num espirito desesperado e odioso. E afirmava com ância:

—Há dois estímulos para os espiritos infantis; a vergonha e a glória.

Compete, pois, ao professor o preparar e modificar o espirito dos seus alunos no sentido de compreender, acatar e respeitar a sua autoridade—êle próprio deverá ser o Exemplo—Justo, de respeito e de carinho para o humilde e de serena altivez que desarme o forte envaidecido. Devemos expulsar de nós impaciências e os repentes e tornarmos-nos dum valor moral tam firme e tam fecundo que a nós próprios nos respeitemos. O palavrão, a vergasta, o murro, a fátula não são mais que a autoridade brutal do direito do mais forte, e que fará da criança um revoltado, um covarde e um hipócrita.

A criança pelas condições do seu sangue ágil, vivo e novo, não suporta um castigo corporal, uma repreensão violenta e pública, um jugo, uma prisão que o afaste das alegrias dos seus companheiros, com serenidade e paciência. No seu intimo, sentimentos embrionários e confusos de revolta e ódio, se manifestam num pandemónio macabro. Sente, lá dentro, uma injustiça que ninguém lhe justifica, porque ninguém justifica, batendo ou berrando, uma opinião nociva ou uma acção condenável.

Podê resignar-se, mas no seu intimo não cede—mas o que é positivo e firme é que pelo exemplo e pela doçura, voluntariamente concorda. E logo que voluntariamente concordou—venceu-se.

E' nessa ocasião que é preciso agir—porque a autoridade e o reu entram num estado de actividade equilibrada e racional; lucidamente obra em todos os seus graus de deliberação e execução. Habituada, pois, a criança ao hábito de nos atender e de nos procurar para quasi todas as suas deliberações, hábito que se transmite, em breve, a toda a classe e por fim a toda a escola, fazendo do mestre um amigo mais velho, integramos-lhe as duas mais fecundas das virtudes—a amizade e a vontade. Bem sei que êsse tempo de preparação ou antes de iniciação, é fatigante, mas também representa para o educador e mais tarde para o educando, a mais gloriosa tortura mas, do mesmo passo, a maior satisfação moral. E depois de inveredado no hábito, que descanso para nós e para êles ao vermos que a regularidade das suas actividades se pratica nas mesmas horas, sem abalos e sem aborrecimentos, realizando assim um belo coeficiente de economia fisico-psicológico.

A intelligente condessa de Mainte-non, a fundadora do asilo de Saint Cir, para raparigas pobres, entrou um dia, numa das ablas do seu magnifico hospício-escola. Uma das professoras naturalmente para mostrar o seu zêlo e a sua verbosidade perante a carinhosa senhora, soltava guinchos e berrozos conselhos, dos quais, naturalmente por hábito, as crianças pouco caso faziam. Num momento em que o fôlego lhe faltou, o silencio fez-se, e a voz da senhora de Maintenon ouviu-se maciosamente:

—Muito bem, minha senhora, há apenas o mudar de tom—chicotada delicada, que num instante me modificou, escreve a profes-

Um dia um dos milhores alunos de 4.ª classe, rapaz duma extrema sensibilidade e facilmente irritável, durante um ditado, possuido talvez, de que sabia, distraiu-se e deu alguns erros contra o costume. Quando eu chegava ao meio da revisão do seu ditado, vendo os cortes que fazia, vi-o nervoso, inquieto, congestionado.

Não acabei de rever, e pondo de parte o seu caderno, tomei outro. De repente, num repelão pega nêle e quando sentado na cadeira, rasga-o em 4 pedaços. Por diante dos meus olhos passou, num relâmpago, uma nuvem de fogo—e durante meia dúzia de segundos, baralhou o meu cérebro uma confusão faiscante de agitação. Foram segundos, apenas. As classes tinham o aspecto de assombradas e a própria criança delitosa, estava sucumbida pelo acto praticado. Pausadamente disse:

—Praticou-se nesta aula um acto tam feio, que peço o favor aos meus alunos de se retirarem, por momentos, enquanto descanso para aliviar uma dôr que tenho no meu coração.

Um soluço, seguidoduma grande convulsão de chôro, abalou o meu pobre discipulo. Pressuroso fui junto dêle, que me agarrou nas mãos rogando-me que não fosse embora, que lhe perdoasse. Beijei-o e daí a pouco os nossos trabalhos continuavam, tam regularmente, como se nada houvesse acontecido. E' hoje guardamarinha da nossa armada e ainda há tempos, comovidamente, num forte abraço, me lembrou a forma, como naquela escola, eu leva todos belo coração.

E quantos exemplos mais! Devia haver, pois me parece, em todas as escolas de ensino primário e superiores, uma espécie de código disciplinar e higiênico, que seria distribuido por todas as classes, e lido exemplificado e comentado, num dia qualquer da semana. E' claro que êsse código, código que tivesse meia dúzia, apenas, de substanciosas disposições, não teria o ar teocrático, que de leve tolhesse a liberdade condicional do aluno. Nada disso. Se assim fôsse, teriamos o mesmo tipo bisonho, desconfiado e insociável, que é o característico escolar das nossas escolas. Um código que assegurasse a regularidade da vida, e que integrasse no espirito dos alunos um cumprimento voluntário, gradual, das normas disciplinares e higiênicas. Um código enfim de ordem preventiva.

Depois, o professor, atendendo á idade, á sensibilidade, ao próprio grau e cultura do aluno, á sua psicologia enfim, applicaria ao discipulo, a *reprimenda*, castigo que êle próprio sancionasse, apelando para a sua razão e para os seus deveres.

Há muitos professores que argumentam com o exatado na lei—castigos paternais.—Aham êles que castigos paternais é o *bofetão*, o *murro*, a *vergasta*, ou ainda o *pontapé*. Ora o legislador quando escreveu—*castigos paternais*—não queria decerto referir-se áqueles pais que, filhos de illustração e educação, empregam tais violências que é o apanagio duma educação banal e grosseira. Os homens de sólida illustração e educação jamais os vi servirem-se dêsse meios para castigar as faltas dos seus filhos. Ou recorrem ás reacções naturais, ainda assim insufficientes, ou levam os seus filhos, sem acrimónia, sem violências, apelando apenas para a sua razão e para o seu sentimento, a reconhecer e a reparar a falta cometida.

Vidal Oudinot.

Comissão Executiva
DA
Câmara Municipal

Sessão ordinária de 8 de Julho de 1914

Com a presença dos cidadãos vereadores efectivos, Justino Ferreira, Coelho Pinto, Joaquim Cardoso; e substitutos, António José Ribeiro, Francisco Paulo Silverio e Ilidio Ribeiro Dias; o cidadão vereador Clemente Dias Pereira, servindo de presidente declara aberta a sessão, ás 21 e meia horas.

BALANÇO

Na Caixa Económica; 3:189,2.
Em cofre; 3:442,60,5

OFÍCIOS

—Da secretaria da Instrução Militar Preparatória, remetendo para os devidos efeitos a relação dos mancebos que faltaram á instrução.

Inteirada.

—Do Inspector deste círculo, pedindo licença para realizar os exames de instrução primária, 1.º grau, nas escolas onde julgue necessário. Mais pede autorização para os professores Manoel José Pereira, Isolino Alves Carmalho, António Teixeira, Joaquim de Almeida Guimarães e Aida Teixeira Nunes de Souza, prestarem serviço nos exames.

Autorisado.

REQUERIMENTOS

De João Martins F. Guimarães, de Gondar, pedindo para fazer uma lage.

A' Junta de Paróquia.

—De Joaquim de Souza Pinto, pedindo atestado do seu comportamento.

Conferido.

De Maria da Conceição Soares e sua irmã, pedindo licença para trasladar o cadaver de seu pai para um jazigo que possui no Cemitério Municipal.

Ao sr. vereador do pelouro.

—De José Joaquim Vieira de Castro, pedindo licença para colocar um toldo na frente do seu estabelecimento.

Deferido.

—Da Junta de Paróquia da freguesia de Azorem, pedindo para ser reformado o caminho público, chamado do Ribeirinho, que se dirige da rua de S. Torquato á igreja desta paróquia.

A' repartição das obras para elaborar o projecto.

—De Belmiro Pereira de Magalhães Bastos, pedindo licença para fazer um jazigo subterrâneo num terreno que possui no Cemitério Municipal.

Ao sr. vereador do pelouro.

—De José Ribeiro de Castro, das Caldas, pedindo licença para construir uma morada de casas.

Deferido.

—De Francisco José Fernandes, desta cidade, pedindo licença para fazer um prédio em Matamá.

Deferido.

DELIBERAÇÕES

Pelo parecer apresentado pelo cidadão vereador das obras, sobre o requerimento de Luis Teixeira Alves, de Famalicão, para reconstruir umas casas que possui na rua dr. Avelino Germano, a Câmara resolveu que especifique quais as obras que pretende fazer.

—Deliberou nomear uma comissão composta dos cidadãos vereadores Coelho Pinto, Clemente Dias Pereira e António José Ribeiro, para procederem a um inquerito sobre uma apreensão ultimamente feita pelos empregados dos impostos.

—Deliberou não aplicar a multa a António Mendes, da freguesia

de Abação, de acordo com o parecer do cidadão vereador Coelho Pinto.

—Aprovou o projecto da conclusão da estrada de Lordelo ao Bom Jesus do Monte.

—Resolveu autorizar o contrato de arrendamento da casa para a instalação da escola feminina de Moreira de Cónegos, por 36,000.

—Deliberou telegrafar ao Ministro de Instrução Pública, solicitando-lhe mais uma vez que mande abonar a esta Câmara a verba necessária para cobrir o deficit com as despesas da instrução primária, verba que já foi reclamada sem resultado.

PROPOSTAS

Pelo sr. vereador Coelho Pinto foram apresentadas as seguintes propostas:

Mandar colocar na Travessa de Camões, um marco fontenário, assim como uma boca de incêndio, pelo motivo dos prédios, naquele local, serem de construção antiga.

Aprovado.

—Mandar construir um lavadouro público no lugar do Cano.

Arovado.

Sendo 23 e meia horas, foi encerrada a sessão.

REPORTAGEM

Romaria de S. Torquato

Realizou-se a tradicional romaria de S. Torquato no sabado e domingo passados.

A concorrência deromeiros foi menor do que nos anos anteriores, devido ao mau tempo que se apresentou no domingo, principal dia da romaria.

O rendimento das esmolas foi de 3:551,092, menos do que no ano anterior 3:257,73.

Naquela importância estão compreendidas 108 libras em ouro, uma moeda de 5,000 e 34 gramas de objectos de ouro.

Em cêra foram ofertados 53,850 gramas.

Se não fosse o mau tempo, era de presumir que as esmolas atngissem cifra superior á do ano passado.

Sarau de caridade

O grupo iniciador desta festa de caridade, enviou já á comissão administrativa do Asilo de Santa Estefânia a quantia de 104,887, importância já cobrada, faltando ainda receber a quantia de 7,093.

O produto líquido foi de 180,997, ficando em 112,880, depois de pagas as despesas que foram na importância de 68,117, conforme as contas que igualmente foram entregues á Direcção do Asilo.

Casamento

Pelo sr. Domingos Pereira Pinto de Souza Lobo, ex-secretário de Finanças dêste concelho e actualmente em Aveiro, foi pedida em casamento para seu filho Gualter de Souza Lobo, há pouco promovido e nomeado secretário de finanças para o concelho de Ribeira de Pena, a sr.ª D. Adelaide Sofia dos Santos Vasco Leão, gentilissima filha do sr. Anibal Vasco Ferreira Leão e da sr.ª D. Adelaide Augusta dos Santos Vasco Leão, muito conhecidos entre nós.

Ao nosso amigo Gualter felicitamo-lo duplamente.

Preço dos cereais

No último mercado, o preço dos cereais foi o seguinte:

Milho branco, o alqueire, 820; amarelo, 800; alvo, 1,300; centeio, 680 feijão branco, 1,700; moleiro, 1,550; amarelo, 1,550; fradinho, 1,100; painço, 1,200; batatas, 550; galinhas, 700; ovos, duzia, 170.

Club dos Caçadores

Este Club promove no dia 19 do corrente o seu costumado jantar anual na estância da Penha.

Incêndio

No passado domingo manifestou-se incêndio na casa que habita à rua de D. João I, o sr. Gaspar Lopes Ribeiro, com alfaiateira.

Os prejuisos, que foram calculados em 1:010,000, estão cobertos pelas companhias «Ultramarina», «Fidelidade» e «Garantia»

Liceu Nacional

Principiaram no dia 1 do corrente mês os exames no nosso liceu.

Segundo o apuramento passaram por média:

Do primeiro para o segundo ano, todos alunos; do segundo para o terceiro, todos, excepto os números 17 e 22; os de terceiro foram admitidos a exame, excepto número 48; os de quarto passaram para quinto e os dêste último, a que vem assistindo o sr. dr. Sanches Gama, professor do liceu de Coimbra, foram admitidos a exame, excepto os números 24, 27 e 29.

Quarte Amarel e Novais Teixeira

Partiram há dias para Mafra, afim de fazer tirocinio para o posto immediato, êstes capitães de infantaria 20, e nossos conterrâneos.

Excursão a Braga

Um grupo de ciclistas desta cidade promove um passeio á vizinha cidade de Braga, no dia 19 do corrente, para o que convida os srs. ciclistas vimaranenses.

Haverá recepção em Braga, visita ao Bom Jesus, etc.

A comissão resolveu contratar os trens precisos para conduzir todas as pessoas que desejem visitar a cidade de Braga, em companhia dos ciclistas.

A inscrição acha-se aberta no estabelecimento do sr. Benjamin de Matos, e encerrar-se há no dia 18.

Cada lugar no carro, ida e volta a Braga, 600. Aluguer de bicicletas para todo o dia e inscrição, 800. Inscrição de cada ciclista, 100.

A saída desta cidade será ás 6 da manhã e o regresso de Braga, no fim da tourada que nesse dia ali se realiza.

SENADO VIMARANENSE

(Continuação do n.º 38)

Faz uso da palavra o sr. vereador Inácio Guimarães, no sentido de ser tolerado aos marchantes da povoação das Caldas das Taipas o abatimento das rézes para consumo público em suas casas, aduzindo diferentes considerações.

Depois de discutido êste assunto e cumpridas todas as formalidades legais, a câmara proferiu o seguinte

ACÓRDÃO

Que mantem a deliberação tomada em sessão de 23 de Janeiro dêste ano, que manda elaborar o mesmo projecto e orçamento para a construção do matadouro público na povoação das Caldas das Taipas, e que o fornecimento de carnes verdes se faça da mesma forma como actualmente.

—Foi presente o primeiro orçamento suplementar ao ordinário do corrente ano, elaborado pela respectiva comissão executiva, compreendendo a receita a quantia de 2.523,10 e a despesa igual quantia.

O sr. vereador Mariano Felgueiras, na qualidade de presidente da Comissão Executiva, prestou á Câmara todos os esclarecimentos acêrca da organização do orçamento suplementar que carece de sanção, mostrando as dificuldades que a Comissão Executiva teve para conseguir a receita stritamente indispensavel a fazer face ás despesas no mesmo inseridas.

A Câmara aceitando os esclarecimentos prestados conferiu a necessária sanção ao aludido orçamento, proferindo o seguinte

ACCORDAM

Que aprova o primeiro orçamento suplementar ao ordinário do corrente ano.

—Pelo sr. vice-presidente foi apresentado á discussão, o assunto que trata do encerramento da Escola Central do sexo feminino.

Feita a leitura do officio do Chefe da secção do Ministério da Instrução Pública, Repartição de Instrução Primária e Normal, sob o n.º 727, datado de 24 de abril próximo passado, no qual pondera, encarregado pelo ex.º Ministro, que é de absoluta conveniência para o ensino que seja aberta a escola Central do sexo feminino, desta cidade, não se lhes afigurando que os casos indicados em officio sejam suficientes para determinar a Câmara a ordenar o encerramento da escola, que só deveria ter lugar em casos de força maior, que, evidentemente, se não deram. Comunica que os processos disciplinares instaurados contra os professores deste Círculo estão sendo examinados e terão pronta resolução, ficando assim sanada a causa da perturbação que se tem manifestado nas escolas a que aqueles professores pertencem. Conclue por confiar que a Câmara não deixará de modificar a sua resolução que mandou encerrar a referida escola.

O sr. vereador Mariano Felgueiras apresentou a seguinte

PROPOSTA

Considerando que a Câmara Municipal de Guimarães em sua sessão de 14 de abril do ano corrente mandou encerrar a escola Central do sexo feminino, convencida de que era prejudicial para o ensino e educação das crianças o estado de desordem em que o professorado da mesma escola se encontrava, e tambem de que, exposto o assunto ao ex.º Ministro da Instrução, sua excelência immediatamente tomaria as providências indispensaveis para que a escola de novo possesse funcionar; Considerando, porém, que sua excelência o Ministro apesar de em officio da Secretaria geral do ministerio dirigido á Comissão Executiva da Câmara em 24 de abril, ter dito que os processos disciplinares instaurados contra os professores teriam pronta resolução, ficando assim sanada a perturbação que se tem manifestado na referida escola, tal providência até hoje não foi dada; Considerando que traz prejuizos gerais para a instrução o encerramento tão prolongado da escola; Considerando que, sendo certo que a responsabilidade desses prejuizos não petence á Câmara pois desta não depende mas sim do ex.º Ministro da Instrução a demora nas providências que a gravidade do assunto exige, todavia é dever e vontade da Câmara atenuar quanto possivel o mal que para a instrução advem da falta de resolução; Considerando que não ha professoras interinas que possam ser nomeadas para a escola de que se trata durante o tempo que o ex.º Ministro levar ainda a resolver este caso.

A Câmara resolve: Forçada pelo seu comprovado amor pela instrução e no intuito de evitar mal maior, mandar reabrir a escola Central do sexo feminino e

promover, nos termos legais, os competentes processos disciplinares contra as professoras da referida escola, chamando a atenção dos deputados por este circulo para este assunto, afim de que no Parlamento peçam explicações ao Ministro sobre o seu procedimento.

Aprovada por unanimidade.

A Câmara julgou justificadas as faltas dos srs. vereadores ás sessões.

Sendo quinze horas e não havendo mais que tratar, o sr. vice-presidente em nome da lei encerrou a sessão, de que se lavrou a presente acta, a qual depois de lida foi aprovada.

A Junta de Paróquia da freguesia de S. Paio

Convoca todos os eleitores desta paróquia a comparecerem na sacristia paroquial desta freguesia, no dia 16 do corrente, pelas 16 horas, afim de darem o seu referendum á deliberação sôbre o lançamento da contribuição paroquial.

S. Paio de Guimarães, 8 de Julho de 1914.

O presidente,

Abilio Fernandes Guimarães.

CONCURSO

A Junta de Paróquia da freguesia da Oliveira, desta cidade, faz público que abre concurso documental por espaço de quinze dias, a contar da 2.ª e última publicações dêste anúncio, para provimento do lugar de secretário da mesma Junta, com o vencimento annual de 24\$00, já inscrito no respectivo orçamento.

Os concorrentes apresentarão na secretaria da Junta, dentro daquele praso, os seus requerimentos devidamente reconhecidos e acompanhados de documentos que provem:

- a) Serem maiores;
- b) Estarem inscritos como eleitores no recenseamento politico desta freguesia;
- c) Terem bom comportamento;
- d) Não se acharem pronunciados em juizo por qualquer crime.

Guimarães, secretaria da Junta de Paróquia da Oliveira, 2 de Junho de 1914.

O presidente,

(a) Avelino de Faria Guimarães.

VENDE-SE

Uma casa de habitação, cita na Travessa de Camões n.ºs 23 a 25, construida de pedra, completamente nova, composta de dois andares com salas, quartos e água furtada.

As trazeiras bastante desafogadas e com lindas vistas, confrontam com uns quintais.

Tratar com o próprio dono, António Marinho, Hospedaria Pinheiro.

Serafim Rodrigues

SOLICITADOR

Rua Dr. José Sampaio

Horário dos comboios

Ascendentes

ESTACÕES		*	**	•	*	*	•	**
		Diário	Rápido	Dias úteis	Diário	Correio	Dias úteis	Domingos e dias fer.
Linha de Guimarães	FAFE P.	4,50	7,15		12,28	16,05		
	Guimarães C.	5,43	8,08		13,21	16,58		
	" P.	5,51	8,16	10,49	13,29	17,07	19,57	21,30
	Vizela P.	6,12	8,33	11,13	13,49	17,30	20,18	21,50
	Lordelo P.	6,23	8,43	11,25	14,00	17,42	20,30	22,01
Linha de Minho	Negrelos P.	6,38	8,54	11,41	14,14	17,57	20,44	22,13
	Santo Tirso P.	6,59	9,13	12,02	14,35	18,19	21,04	22,33
	Trofa C.	7,19	9,30	12,23	14,54	18,39	21,25	22,52
	Valença P.	3,23	6,10	7,55	13,20	15,25	16,40	18,50
	Viana P.	5,21	8,10	10,25	14,28	16,57	19	21,7
L. da POVOA	Braga P.	6,07	8,35	11,52	14,55	17,43	20,04	22,05
	TROFA P.	7,00	9,44	12,41	15,34	18,57	21,47	23,07
	Porto C.	8,56	10,30	13,22	16,39	19,56	23,04	23,56
	Trofa P.	8,06	9,46		15,05	19,58		
	Braga C.	8,56	11,15		15,58	21,29		
L. da POVOA	Viana C.	8,31	11,47		16,26	22,33		
	Valença C.	10,50	13,19		17,31	23,33		
	POVOA C.	8,51			17,20			
	Porto P.	8,35			15,48	17,54	19,57	
	Campanhã P.	8,48			16	18,05	20,30	
Lisboa C.		14,31			1,13	23,53	6,25	

Descendentes

Norte	Lisboa P.	18,55		21,35	Espresso	Rápido			
	Campanhã C.	0,19		7,35	7,35	14,07			
	Porto C.	0,32		7,50	7,56	14,17			
L. Minho	Porto P.	4,30	7,26	7,44	8,43	14,18	17,10	18,44	
	Trofa C.	5,43	8,06	8,35	9,42	15,03	17,50	19,53	
	Trofa P.	5,51		8,36	9,46	15,05	17,52	19,58	
	Braga C.	7,44	8,56	9,50	11,15	15,58	18,58	21,29	
	Viana C.	8,31		10,25	11,47	16,26	19,20	22,33	
L. da POVOA	Valença C.	10,50		13,19	17,31			0,17	
	L. da POVOA P.	4,35			8,03			16,35	
L. de Guimarães	TROFA P.	6,35	8,11	8,47	9,58	10,10	18,00	20,10	
	Santo Tirso P.	6,57	8,31	9,11	10,20	1,635	18,18	20,31	
	Negrelos P.	7,18	8,54	9,29	10,41	1,656	18,35	20,48	
	Lordelo P.	7,33	9,08	9,41	10,54	1,711	18,46	20,59	
	Vizela P.	7,48	9,24	9,54	11,08	1,726	18,58	21,12	
	Guimarães C.	8,07	9,44	10,12	11,27	1,744	19,14	21,29	
	" P.	8,18			11,34	1,752		21,36	
	FAFE C.	9,13			12,28	1,847		22,32	
									22,53

- * Paragem de 1 minuto em Espinho, Madalena, Covas, Penha, Cepães e Palmeira
- Idem em Espinho, Madalena, Covas e Cepães.
- Idem em Madalena, Covas e Cepães.
- Idem em Espinho, Madalena e Covas.
- Idem em Espinho, Madalena, Covas e Palmeira.
- Idem em Cepães.

DISPONÍVEL

Livraria editora
GUIMARÃES & C.

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A Dama das Camélias, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um beijo, de Escrich (2.ª ed.)—73 e 74. A Obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Escrich—77 e 78. O crime do padre Mouret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenina, de Tolstói.—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Porto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromon, Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

VI. A dor universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Ultimos volumes publicados (a 200 rs. brochados e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis 14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII e IX. Amores de Fabulas.

Atelier de costura

DE

MARIA PASTOR

Rua de S. Dâmaso

GUIMARÃES

Executa toda a toilette de senhora e criança pelos últimos figurinos.

PREÇOS MODICOS

A LUZ DO SOL Sistema WIZARD é a melhor luz do mundo.

A luz sistema WIZARD além de ser muito económica e muito simples é também a mais barata até hoje conhecida em Portugal.

Serve tanto para o interior como para o exterior de qualquer habitação.

Ilumina as vossas habitações e tereis o sol em casa pois VIZARD é a última palavra sobre iluminações intensiva.

Cada lâmpada tem o poder iluminante de 500 velas e acende com fósforos como o gaz e o seu consumo é um litro de gazolina em 24 horas.

O maior sucesso da actualidade!!

Maravilhoso sistema de iluminação!!

Pedir informações ao correspondente em Guimarães

J. Cardoso Guimarães.

Instituto Médico-Dentario

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

SUCURSAL EM Guimarães

LARGO DA MISERICÓRDIA, 4

CONSULTAS às quintas sextas-feiras.

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato.

Seriedade e segredo.

O proprietário,

João Vellozo de Araujo.

Antiga Merceria e Confeitaria

Da Porta da Vila

—DE—

António de Sousa Guise

Especialidade em queijo, vinhos em barril e engarrafados, ditos de Proveze de, licores genebras e cognacs nacionais e estrangeiros, conservas, massas de todas as qualidades, doce fino, bolachas nacionais e estrangeiras, frutas secas e caldeadas, arroz, açúcar, bacalhau, chocolate, etc. Depósito de vinhos da Companhia Vinicola.

Manteiga especial da Praia de Ancora

24, Rua da República, 28 — GUIMARÃES

Sortido variado em bolacha inglesa—Café puro especial.

Sortido completo em farinhas—Chá fino, preto e verde

Depositário das águas e refrigerantes do SAMEIRO

Oficina e Depósito de Guarda-sóis e Bengalas

—DE—

Manuel Lopes Ferreira dos Santos

67, TOURAL, 69

(Antigo Largo dos Cestos)

GUIMARÃES

Acha-se esta oficina instalada no Toural, 67, 68 e 69, casa aonde esteve a antiga chapelaria do sr. Francisco Agostinho Cardoso de Lemos. Nela se vendem, fazem e concertam bengalas e guarda-sóis em preto e côr para homens e senhoras.

Concertos rápidos.

Perfeição.

Preços módicos.

INSTITUTO DE "ASEPSIA,"

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista Manuel Jesus de Sousa

50, R. da República, 54-1.º—GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.

Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.

Desinfecção de pensos e ferros cirúrgico pelo método de Pasteur.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura		Preço das publicações	
Ano	1\$200 rs.	Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Número avulso	80 "	Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ào Cidadão